

ENTRE PAISAGENS E FOTOS: A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Between landscapes and photographs: photography as a teaching resource for Geography Education

Ana Nádia Vieira de Oliveira

Secretária Municipal de Educação de Iguatu - Ceará

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9234-4980>

ananadiavieira@gmail.com

Everton Gleydson Silva Mendonça

Universidade Federal da Paraíba

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-8147-141X>

evertonmendonca22@gmail.com

Cassio Expedito Galdino Pereira

Universidade Federal de Pernambuco

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0987-6258>

cassio.expedito@gmail.com

Emerson Ribeiro

Universidade Regional do Cariri

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9520-0974>

emerson.ribeiro@urca.br

Glauco Vieira Fernandes

Universidade Regional do Cariri

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6618-7486>

glauco.vieira@urca.br

Artigo recebido em fevereiro/2026 e aceito em junho/2026

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido de maneira conjunta em duas unidades educacionais, buscando compreender os registros fotográficos como elemento didático para a compreensão da paisagem. Busca-se perceber como este recurso pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem da disciplina, a partir do entendimento de que a paisagem é processo e produto das relações sociais com a natureza e que não está cristalizada, mas interligada na realidade sensível dos alunos por meio das suas experiências conscientes ou não. A fotografia, em sala de aula, pode abstrair de um simples elemento de exposição de conteúdo para operar como dobradura entre a realidade e os conteúdos trabalhados em sala de aula. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e explicativa, desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo na EEEFM Tereza Alves de Moura, localizada no município de Queimadas – PB, e na EEMTI Governador Adauto Bezerra, localizadas no município do Crato – CE. Em conclusão, percebeu-se que as fotografias possuem uma possibilidade promissora, pois o uso como elemento didático não se configurou apenas como mero registro cristalizado da paisagem, mas como um exercício de aproximação do conhecimento

geográfico com o cotidiano dos estudantes. Desta maneira, os estudantes puderam ressignificar o conceito de paisagem enquanto simbiose do natural com o social e cultural.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino de Geografia; Criatividade; Pensamento Conceitual; Bairro; Cotidiano.

ABSTRACT

This study was jointly developed in two educational institutions with the aim of understanding photographic records as a didactic resource for the comprehension of landscape. It seeks to analyze how this resource can contribute to the teaching and learning process of Geography, based on the understanding that landscape is both a process and a product of the social relationships between humans and nature, and that it is not a static reality, but rather interconnected with students' lived experiences, whether consciously perceived or not. In the classroom, photography can move beyond its role as a simple illustrative tool and operate as a bridge between reality and the contents addressed in Geography lessons. This is a qualitative study of an exploratory and explanatory nature, developed through field research conducted at Tereza Alves de Moura State Elementary and High School (EEEFM), located in the municipality of Queimadas, Paraíba, and at Governor Adauto Bezerra Full-Time State High School (E.E.M.T.I.), located in the municipality of Crato, Ceará. The findings indicate that photographs offer significant pedagogical potential, as their use as a teaching resource was not limited to serving as a static record of the landscape, but rather functioned as an exercise in bringing geographical knowledge closer to students' everyday lives. In this way, students were able to reinterpret the concept of landscape as a symbiosis of natural, social, and cultural elements.

Keywords: Geography Teaching Methodology; Creativity; Conceptual Thinking; Neighborhood; Everyday Life.

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço dos anos, as técnicas e formas de se utilizar recursos pedagógicos se reinventaram continuamente. São inúmeras as formas de uso de meios, materiais e possibilidades educativas, que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento construído em sala de aula, como a fotografia (Pires, 2020). Esta pesquisa tem por finalidade discutir sobre o uso da fotografia como recurso didático para pensar a relação de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia.

Busca-se compreender de que maneira se constrói o interesse do estudante a partir da introdução de novas tecnologias. Esta motivação levanta questões para o aproveitamento de elementos do cotidiano no processo de ensino-aprendizagem. Leva-se em conta a necessidade de uma leitura do espaço de vivência através da noção de paisagem geográfica. Isto possibilita o desenvolvimento da percepção dos estudantes, tendo a fotografia como “lente amplificadora”, ou seja, que potencializa o olhar geográfico sobre a realidade (Reis Júnior, 2014). Por meio de fotografias produzidas por eles, há uma retomada da visualidade para temas próximos aos estudantes. De forma que perceber o mundo é também um exercício de cidadania territorial.

Tem-se como questão norteadora a seguinte problemática: como a fotografia pode ser usada como recurso didático na aula de Geografia para que os estudantes possam produzi-las ou expressar

sua percepção sobre o conceito de paisagem trabalhado no ensino médio? Primeiramente, a busca por dialogar acerca de um saber dentro do ensino de Geografia e no desafio de investigar um tema que se torne relevante para o ensino possibilitou a observação sobre quais seriam os melhores recursos a serem utilizados pelos professores.

O ensino de Geografia tem suas potencialidades e também seus entraves no ambiente escolar. É um desafio diário para os educadores dinamizar suas práticas e pensar em atividades que, além de produzirem saberes geográficos, sejam capazes de integrar os estudantes dentro das atividades propostas. Nesse sentido, foi desenvolvido o projeto *ClickGeo* como proposta alternativa não apenas de trabalhar com a linguagem fotográfica, e, ao mesmo tempo, lidar com a problemática do uso descontrolado de celulares pelos estudantes na atualidade. Ressignificar o uso do dispositivo móvel possibilita seu uso além da função de entretenimento. O aparelho celular pode ser agregado como instrumento de trabalho e auxiliador na produção de conhecimentos através de registros fotográficos (Silva, 2025). A câmera fotográfica nos celulares possui ferramentas de captura de imagens potentes para adicionar no debate dos temas de geografia diferentes perspectivas, enquadramentos e fragmentos da realidade (Furtado, 2024). E esta desconstrução do olhar adiciona uma reconstrução reflexiva sobre a paisagem (Dante Júnior, 2014).

Dentre os conceitos espaciais, a paisagem traz esta fricção da percepção com o meio espacial vivido. Não somente o olhar, mas o campo perceptivo humano abarca o conjunto da expressão visual humana. Conforme Besse (2014, p. 37), “a paisagem não é apenas uma vista, uma imagem ou um pensamento. Também é um mundo vivido, fabricado e habitado por sociedades humanas em constante mudança. Ou seja, a paisagem identifica-se com o ecúmeno humano”. Enquanto ecúmeno humano, entende-se que a paisagem é a relação entre seres humanos e o seu substrato natural, contendo meio ambiente e o não humano que tem encontro com o essencialmente humano. A paisagem deve ser vista além do que nossa visão denota. Neste sentido, Santos (2014) argumenta: nela há sons, cores, odores, movimentos e outras substancialidades.

Contudo, há a proeminência do sentido visão em detrimento dos demais (Gomes, Ribeiro, 2013), pois, apesar de serem necessários à compreensão global da paisagem, complementam o leque de sensações a serem percebidas nela. Podemos perceber que esse caráter visual da paisagem pode ser aproveitado por meio do uso da fotografia, ou seja, pensar na paisagem como uma imagem que possui movimento e ciclos de existência (Dantes Júnior, 2014). Ou seja, a fotografia é polissêmica, pois mesmo estática se constitui como instrumento de análise da realidade em suas várias dimensões, seja através da simples identificação das formas, cores e elementos da paisagem, ou da percepção dos fenômenos sociais que nela subjazem (Pires, 2020).

Nesta perspectiva de educação geográfica que evoca o olhar, o pensar e o representar através do uso da linguagem da fotografia no ensino, o estudante reposiciona sua percepção sobre o meio geográfico com o potencial de produzir e expressar opiniões, ideias e conhecimentos sobre a realidade e, em especial, sobre a paisagem, envolvendo sua relação com o mundo vivido.

Vale destacar que quase todos os estudantes podem ter acesso a um celular com câmera e capturam imagens para postar nas redes sociais (Furtado, 2014). O ensino de Geografia deve incorporar este recurso imagético pelo uso das linguagens não verbais. Em outras palavras, pode agregar uma visão auxiliada pelo dispositivo móvel para multiplicar percepções do meio socioespacial. Isto favorece que o conhecimento geográfico construído pelo educando redimensione o conceito de paisagem. Desta forma, essa pesquisa aponta a importância de buscar novas possibilidades para o ensino de Geografia nas escolas públicas, focando no uso da fotografia como alternativa de recurso didático. A fotografia pode estimular, portanto, um estudo mais dinâmico e interativo do conhecimento geográfico, trazendo a dimensão do estético e do lúdico, ou seja: uma busca de proximidade com a linguagem artística e não verbal, objetiva e subjetiva igualmente. E, a partir dessa construção, favorece aos discentes refletirem e experimentarem o conceito de paisagem que, embora contidos nos livros didáticos, são agora destacados ao mundo vivido.

De forma objetiva, essa pesquisa contribui para discussões sobre o uso da fotografia enquanto recurso didático para o ensino de Geografia, como também pode se constituir como uma alternativa eficaz para a concretização da construção de conhecimento geográfico dos conceitos, como o de paisagem. Pois, o uso da fotografia promove uma percepção do ensino, visto que atua associando conceitos trabalhados em sala, como o conceito de lugar, com elementos da realidade dos educandos, fazendo com que a prática da pedagogia da autonomia aconteça de maneira mais eficaz, além de alfabetizar o olhar, observando os conteúdos trabalhados em sala sendo aplicados no dia a dia. Tudo isso relacionando a Geografia com outros aspectos, outros cotidianos, outras reflexões e formas de abordagem de assuntos relevantes.

2. TRIPÉ: PREPARAÇÃO PARA A CAPTURA EM *CLICK'S*

Esta pesquisa foi realizada durante as atividades da disciplina eletiva “Clickgeo: Geografia em Fotos”, na EEEFM Tereza Alves de Moura, localizada no município de Queimadas – PB, bem como em oficinas para as turmas do primeiro ano na EEMTI Governador Adauto Bezerra, localizada no município de Crato – CE. O projeto atuou com turmas de estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio nas referidas escolas, partindo de uma metodologia colaborativa com o(a) professor(a) regente. A escolha das turmas foi feita pela aderência à disciplina eletiva, no caso da EEEFM Tereza Alves de Moura, como também nas turmas que tinham o conteúdo paisagem para ser trabalhado durante o

semestre letivo, como foi na EEMTI Governador Adauto Bezerra. Para a execução desta pesquisa, adotou-se a análise do conteúdo das fotografias, sua composição, elementos e o que se pode interpretar a partir delas, tendo em vista os principais aspectos e temas que os estudantes colocaram.

O trabalho utilizou uma metodologia de pesquisa qualitativa, através de um processo de pesquisa exploratória e explicativa, quanto aos objetivos, e pesquisa de campo, e aos procedimentos técnicos de coleta de dados. Tomando Prodanov e Freitas (2013), argumenta-se que a pesquisa é exploratória por proporcionar mais informações sobre o conceito de paisagem e das paisagens vivenciadas dos estudantes, podendo fomentar novas perspectivas de investigação. Ao mesmo tempo, essa pesquisa é explicativa, pois busca explicar como os professores podem usar as fotografias como recurso didático nas aulas de Geografia.

Sobre os procedimentos técnicos de coleta de dados, a pesquisa de campo tem como princípio conseguir informações e/ou conhecimentos a partir da observação *in loco*. Nesse sentido, é realizada essa observação, fazendo na coleta de dados os registros e análises de como ocorreu e quais suas potencialidades e relações para entender os fatos e fenômenos (Prodanov, Freitas, 2013). Segundo Severino (2007, p. 123), essa pesquisa coleta os dados “em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Dessa maneira, realizou-se a coleta de fotografias com as turmas, efetuando uma discussão analítica dos dados.

Antes da coleta das fotografias, fez-se um resumo do projeto, entregue à direção das escolas, sendo solicitada a permissão para realização da pesquisa, bem como dialogado com os estudantes sobre seu interesse e aceite no projeto. A partir desse aceite, dirigiu questionários aos estudantes para entender a compreensão do tema e seu uso do celular na vida cotidiana. Optou-se pelo questionário por entendê-lo como “um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (Severino, 2007, p. 109). No questionário, os estudantes responderam, partindo das próprias vivências e conhecimentos, o que entendem por conceito de lugar e o porquê da escolha dos locais e/ou objetos, além de também contarem quais são suas percepções para a elaboração da fotografia.

Para a realização da pesquisa, seguimos algumas etapas, que foram necessárias, sendo elas a pesquisa bibliográfica, coletas de dados e análise de dados. A pesquisa bibliográfica teve como foco o aprofundamento sobre o tema, estruturando o debate sobre fotografia: fotografia como recurso didático no ensino de Geografia conectada com o conceito de paisagem. A coleta de dados foi feita nas aulas de Geografia, sendo escolhidas turmas das referidas escolas. Na EEEFM Tereza Alves de Moura, tomou-se como ponto trabalhar nas aulas de uma disciplina eletiva do Novo Ensino Médio,

que tinha como foco o diálogo com diferentes linguagens. No caso da EEMTI Governador Adauto Bezerra, foi feita com as turmas do primeiro ano, sendo realizada em forma de oficina. Para a disponibilização das fotografias no projeto, foi elaborado um termo de autorização e enviado aos estudantes.

Após esse momento, aconteceram as discussões nas aulas com análises dos dados, ou seja, a partir das fotografias produzidas pelos estudantes. Foi buscado entender os motivos das fotos, bem como as suas percepções apreendidas, aliando ao que se entende sobre o conceito de paisagem. Para tanto, provocou que cada sujeito fizesse a observação da paisagem retratada enquanto os enquadramentos, elencando o que estava sendo representado. Em seguida, foi buscado que estes analisassem as percepções sobre os objetos e fenômenos presentes na paisagem, bem como os elementos visuais de composição, que possibilitam transmitir as sensações. Ao final dessa leitura, foram dialogadas em sala de aula as interpretações de cada jovem sobre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que as fotografias transmitiram por meio de suas composições e enquadramentos. Nesse sentido, pôde-se ter a impressão do que pensam quando escutam a palavra paisagem e de que maneira isso se decodifica para eles imagetivamente.

Sobre este escopo da fotografia enquanto campo estético e técnico, é necessário situá-la no âmbito da ciência geográfica. A seguir, algumas ideias são apresentadas em busca de aproximações entre os olhares da linguagem fotográfica e da percepção geográfica.

3. LENTES DA CÂMERA: ENTRE PAISAGENS E CLICKS

No início, quando o ser humano começou a se domesticar e as primeiras aglomerações surgiram, passando a viver em sociedade e formar uma trajetória, segundo Harari (2018), o homem iniciou a elaboração de técnicas de produção e transmissão de aprendizado. Isso acontecia com pinturas e desenhos que retratavam a realidade da maneira que cada um podia ver, como pinturas rupestres, por exemplo. O ser humano sempre teve a necessidade de se expressar visualmente, de mostrar ao mundo o que percebe e lhe agrada ou não, tentando mostrar através das figuras criadas em sua mente, ou pelo seu olhar múltiplo, como explora o visível.

O termo fotografia vem do grego (foto=luz, grafia=escrita, marca, desenho), significando “desenho de luz”. Com o passar dos anos, a arte de fotografar foi ganhando atenção e houve um grande processo na sua transformação para a forma de fotografia que temos hoje. Conforme Bezerra (2020), dessa percepção surgiram os registros de Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) e os inventos

de Louis Daguerre (1787-1851), o daguerreótipo¹, e grandes eventos em Paris que envolviam a sociedade da época do século. XVI com as primeiras fotografias que foram uma verdadeira revolução. Se tornando resultado prontamente do uso da câmera fotográfica, de meios tecnológicos.

Pensando no desenvolvimento da fotografia no Brasil, Leite (2018, p. 2-3) diz que “a fotografia manteve relação estreita com o aparato imperial. D. Pedro, um apaixonado pelo registro fotográfico, aliou a sua imagem ao significado moderno da fotografia. Os registros fotográficos se tornaram determinantes para o reconhecimento do Brasil mundo afora”. Machado (2001, p. 129) define a fotografia como “resultado da aplicação técnica de conceitos científicos acumulados ao longo de pelo menos cinco séculos de pesquisas nos campos da ótica, da mecânica e da química, bem como também da evolução do cálculo matemático e do instrumental para operacionalizá-lo”. Pode, então, pensá-la como uma técnica pela qual se é possível reproduzir imagens por uma exposição luminosa, através de uma superfície fotossensível, conhecida por filme, cujo resultado se dá através da revelação ou não, pois com o avanço da tecnologia não se é mais necessário, resultando numa foto, objeto de recurso a ser estudado.

Em sua tese de doutoramento, Leite (2007, p. 32) diz que:

Reproduzir-se, perpetuar-se, construir a própria imagem, eis práticas do homem que remontam à sua própria existência. Nas mais variadas épocas e lugares, e nas múltiplas culturas, vemos exemplos dessa prática. Nas últimas décadas do século XVIII, a sociedade ocidental vive grandes transformações econômicas e socioculturais; novas técnicas de reprodução são desenvolvidas e práticas de representação inéditas são moldadas pelas imagens gráficas, agora, num novo contexto e vinculadas a um original plano de técnica.

Pode-se pensar a fotografia como uma ferramenta que inaugurou a era dos meios de comunicação, o que significa refletir além do seu caráter funcional, que adentra em um campo da técnica, podendo-a entender como uma forma de ruptura, porque ela é tanto resultado de articulações culturais quanto um limite que impulsionou uma série de investigações na busca de avanços que a modificassem e, desse modo, deram subsídios a outras formas de construção (Pires, 2020). Tais mudanças nas formas de captação e reprodução imagética atendem à demanda de autorrepresentação de uma sociedade cujos anseios se delineiam pautados por um momento de desenvolvimento acelerado da tecnologia (Leite, 2012).

Berger (2017), ao discutir sobre as ideias da filósofa e ensaísta Susan Sontag, reflete acerca da percepção visual humana, que se trata de um processo bem mais complexo e seletivo do que aquele

¹Daguerreótipo era uma placa de cobre prateada, sensibilizada com vapor de iodo, formando iodeto de prata sobre a lâmina. Deveria, nos primeiros aparelhos, ser exposta por cerca de vinte a trinta minutos na câmera escura, assim gerava uma imagem que deveria ser revelada pelo vapor de mercúrio. O mercúrio aderiria às partes do iodeto de prata afetadas pela luz. O fixador era uma solução de hipossulfito de sódio e, após sua aplicação, a lâmina era lavada. O resultado era um positivo ricamente detalhado, e sua superfície era tão delicada que tinha de ser protegida com um cristal e hermeticamente fechada, evitando o contato com o ar. Apresentava chapas em diferentes formatos e vinham em estojos. Foram usadas até o início da década de 1850 (Leite, 2016).

registrado pelo filme. Mesmo que tanto as lentes de câmeras quanto os olhos possam registrar uma infinidade de imagens, por conta da sensibilidade à luz, a câmera consegue ir além, fixar a aparência do momento observado. Para esse autor, as fotografias devem ser entendidas como uma invenção da memória, não sendo apenas uma imagem, mas uma interpretação da realidade, também sendo um vestígio, algo que foi coletado do espaço real.

Monteiro (2006, p. 12) diz que:

A fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ele é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão. Ela é também uma convenção do olhar herdada do Renascimento e da pintura, que é necessário apreender para ver. A câmera fotográfica capta mais e menos do que o nosso olho pode ver.

Os usos de fotografias e imagens por diferentes grupos sociais também podem ser traduzidos em maneiras de afirmação de poder em seu determinado contexto histórico (Reis Júnior, 2014). As formas de se representar no meio impresso trazem esse objetivo, de se mostrar como um modelo ideal. As construções de visualizações trazem intenções perante a sociedade, se tratando de uma forma de mostrar-se para os outros e para si mesmos em modelos idealizados das maneiras de se representar, o que pode ser apropriado por outros contextos, pelos fotógrafos, historiadores, ou mesmo pelos fotografados. Canabarro (2005) diz que a cultura fotográfica pode ser entendida como uma modalidade cultural participativa, que contribui para a construção de uma memória individual e coletiva.

A fotografia vem atuar como registro do palpável, de onde é possível se depreender os modos, práticas e técnicas que remontam às ações humanas e que, portanto, são elementos constitutivos do próprio espaço geográfico. Seu uso, neste entendimento, pode se caracterizar como um eficiente instrumento de análise do espaço.

Ratificando ainda mais a importância de tal recurso, afirma Ulian (2015, p. 3) que:

Na ciência geográfica, a fotografia constitui-se como um referencial técnico imensurável. Utilizada como instrumento de conhecimento e análise do espaço geográfico, é tanto base para a confecção de cartas, mapas e croquis, como também para a reflexão sobre a categoria paisagem, tão cara ao método geográfico.

O uso dos registros fotográficos entra como um recurso referencial que pode ser utilizado desde a análise de determinados fenômenos espaciais até como mecanismo de reflexão da paisagem e, conseqüentemente, do espaço geográfico, como apontam Furtado (2014) e Reis Júnior (2014). Baseado nessas autorias, é notório entender que a paisagem, para além da perspectiva comum como elemento visível e materializado das formas do espaço, também tem em sua estrutura diversos outros elementos que não são visíveis. Conseqüentemente, a fotografia, como instrumento de captura do

espaço, o cristaliza e o registra para a posteridade. No ensino de geografia, a função da fotografia, em muitos casos, se dá em âmbito expositivo, relacionando-a com determinado conteúdo ou contexto (Pires, 2020).

Entretanto, a produção fotográfica materializada nos próprios registros dos estudantes é um elemento de grande proveito na compreensão de determinados aspectos do espaço geográfico (Furtado, 2014). Por essa perspectiva, a fotografia assume o papel de uma “testemunha silenciosa da realidade”, e cabe ao professor, juntamente com os estudantes, retroagir e desvendar os significados e as contextualidades do visível, como o da paisagem (Reis Júnior, 2014; Pires, 2020). A paisagem, para além de sua dimensão visível e material, constitui-se como uma categoria de análise complexa, visto que é atravessada por relações sociais, intencionalidades e processos históricos que explicam e qualificam sua manifestação.

A respeito disso, Souza (2013) afirma que a paisagem não deve ser reduzida a um “cenário” ou recorte visual de uma realidade cristalizada e estática. Necessita ser vista como uma expressão sensível das dinâmicas socioespaciais que a compõem em suas nuances. A interpretação da paisagem precisa superar a aparência, uma vez que “a paisagem não é apenas aquilo que se vê, mas também o resultado de processos sociais que a produziram” (Souza, 2013, p. 92). Desta forma, é possível reforçar a necessidade de superação das leituras descritivas e compreender a paisagem sob uma perspectiva analítica, pela qual seja capaz de não apenas enumerar as formas espaciais, mas incluir as relações sociais inscritas historicamente.

Segundo Souza (2013), a paisagem articula forma e conteúdo, pois é ao mesmo tempo expressão e evidência da produção humana. Desta maneira, “a paisagem constitui uma dimensão sensível do espaço geográfico, funcionando como mediação entre o visível e os processos sociais que lhe dão origem” (Souza, 2013, p. 94). A incorporação dos sentidos, sobretudo a visão, não esgota ou limita a compreensão da paisagem, mas funciona como ponto de partida para outras interpretações. Ao trazer essa compreensão para o ensino de Geografia, especialmente no uso da fotografia como recurso didático, amplia-se significativamente o arsenal pedagógico da disciplina.

A fotografia, enquanto um registro do visível, não precisa ser apenas um elemento que reproduz a realidade de maneira estanque, mas como instrumento de mediação (Reis Júnior, 2014; Pires, 2020). Conforme aponta Besse (2014, p. 39), “A paisagem possui uma substancialidade e uma espessura intrínseca: é um conjunto complexo e articulado de objetos ou, pelo menos, um campo da realidade material mais amplo e mais profundo que as representações que o acompanham”. Para Besse (2014), existe uma complexidade presente na construção do conceito de paisagem, onde a materialidade é a centralidade composta por outras dimensões que corroboram para uma compreensão global da paisagem, especialmente a subjetividade pessoal, pois paisagem é experiência vivida. Baldin (2021,

p. 8) corrobora com essa ideia e aponta que paisagens são compostas pelas noções de percepção, representação, imaginário e simbolismo, sendo importante entender não apenas como “nasceram”, mas como elas são “percebidas” e “valorizadas”. Tais noções podem trazer pontos de partida para os estudantes entenderem a paisagem geográfica.

Cabe salientar que a Geografia no ambiente escolar aborda diversos conhecimentos que permeiam e compõem a sociedade, desde as transformações mais simples às mais complexas. Transformações estas que permanecem de forma constante no espaço e colocam o sujeito como participante no seu desenvolvimento e dos elementos que nele se estabelecem. “A geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente” (Castrogiovanni *et al.*, 2003, p. 11).

Sobre o processo de ensino de Geografia, há a reflexão sobre o contexto social em que estamos inseridos, a partir do que é apresentado em seus conteúdos estabelecidos na matriz curricular no cotidiano escolar. A isto, somam-se os conceitos geográficos de lugar, território, paisagem, região, bem como os diversos artifícios visuais da natureza e sociedade através do desenvolvimento de um pensamento crítico em um dado ambiente e tempo.

Na sala de aula, para que os conceitos geográficos sejam bem mais explorados, deve haver uma articulação do conteúdo com a realidade, ou seja, pensar no ensino de Geografia com articulações das leituras de mundo, proposto pelo domínio e a manipulação de todo um instrumento conceitual que possibilite o desvelar da realidade. É necessário instrumentalizar os estudantes para lidarem com a espacialidade em múltiplas dimensões, analisando as contradições e conflitos sociais do cotidiano, na busca da compreensão da realidade social refletida nos diferentes lugares.

Por isso, a importância da alfabetização visual e da utilização de recursos fotográficos em sala de aula, como caracteriza Campanholi (2014), ao entender que a fotografia é capaz de produzir conhecimento e desenvolver a sensibilidade do olhar. Para este autor, é importante notar que “a sociedade atual vive em meio a um turbilhão de imagens, de diversos tipos, e é fundamental que o discente seja alfabetizado visualmente para aprender através da educação a ver essas fotografias de forma crítica” (Campanholi, 2014, p. 01).

Na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018, p. 11), nas competências gerais definidas para a educação básica, que, em duas de dez, trazem o uso das tecnologias e das diferentes linguagens para desenvolver o aprendizado, é proposta a utilização de diferentes linguagens (verbal, oral ou visual-motora, como Libras; e escrita, corporal, visual, sonora e digital), bem como conhecimentos das linguagens artística, científica e da matemática. Tais linguagens funcionam para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas

práticas sociais (incluindo as escolares) é uma estratégia para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Na opinião de Buitoni (2010, s/p), a fotografia “traz indagações sobre o real” e revela muito mais do que um simples detalhe ou ideia. A fotografia é um grande meio de comunicação e pode-se propor um estudo mais dinâmico e interativo da linguagem artística e não verbal, sem ser preciso falar muito para que sua ideia possa ser passada. Para que os estudantes possam compreender sua realidade e ser participantes da sociedade e de suas transformações, fazendo com que eles percebam o porquê das coisas, aprendam a pensar, a pesquisar e aprender, eles devem olhar e pesquisar o papel da fotografia como processo criador (Pires, 2020).

4. CLICK’S E REGISTROS: EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE GEOGRAFIAS EM FOTOS

Parte-se da compreensão de que as imagens se constituem como um recurso didático muito utilizado nas salas de aula, quer seja em um livro didático ilustrando o conteúdo, ou na apresentação do professor no momento da aula. Contudo, elas são utilizadas normalmente de forma secundária, não como elemento problematizador, mas como recurso para exposição de um fato. Nesse ponto, Kaercher e Freisleben (2020, p. 85) admitem que:

A fotografia, como uma das linguagens visuais mais presentes na nossa sociedade, impacta diretamente a emotividade do aluno. Isso significa que os signos visuais, antes de adquirirem um significado racional, penetram na mente de uma forma muito mais direta. O aprendizado de conceitos, a crítica e a reflexão sobre o significado de uma imagem não se realizam exclusivamente através de meios racionais ou lógicos. É um processo que, além de subjetivo, está em permanente construção/reconstrução.

Todavia, ao utilizarmos recursos imagéticos como as fotografias, o aporte visual é capaz de gerar novas teias correlacionais com o conteúdo exposto, de forma que a percepção do visual varia de indivíduo para indivíduo, gerando novas oportunidades de produção do conhecimento. Conforme exposto por Fantin (2005, p. 103), “no ensino de Geografia, o uso de imagens (fotografias, filmes, desenhos, slides, fotos aéreas, cenas de telejornal, novelas etc.) é sempre um recurso interessante. As imagens e as cenas nos revelam uma parcela da realidade, uma versão (...)”. É possível perceber que a utilização de recursos imagéticos cria possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo em relação ao espaço materializado ou não enquanto palco de produção do conhecimento escolar da disciplina.

É importante notar que, nesse sentido, a linguagem fotográfica pode ser um meio para conectar esses estudantes que vivenciam esse mundo em telas. Foi observado nas vivências na escola que há o uso constante dos dispositivos móveis por parte dos estudantes durante as aulas, mesmo havendo a

proibição através das normas das escolas e da Lei 15.100/2025, que colocou restrição no uso de aparelhos celulares nos ambientes educacionais formais (Brasil, 2025). Esse fato ocasiona grande desatenção desses estudantes, provocando perdas significativas no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos, além de desinteresse em participar das aulas.

Nesse sentido, a escolha dos aparelhos celulares para a captação dos registros fotográficos se deu pela acessibilidade e facilidade do uso, bem como a integração dessas telas como recurso de aprendizagem e não distração. Logo, buscou-se uma ressignificação do uso do aparelho em sala de aula, contudo, fez-se necessário adequar o uso e repassar orientações. Visto que alguns dos estudantes não tinham domínio de técnicas básicas de fotografia. Cabe salientar que não houve foco em ensinar técnicas fotográficas, mas, sim, a utilização de tais recursos na produção de conhecimento geográfico escolar. Os conteúdos relacionados à produção fotográfica seguem parâmetros técnicos básicos do ponto de vista fotográfico, embora tenham sido eficientes no progresso do projeto nas duas escolas.

Nas primeiras intervenções desta proposta nas escolas, trabalharam-se conceitos básicos da fotografia, tais como: enquadramento, composição, foco e iluminação; bem como referências fotográficas de realizadores. Durante a presente fase, a própria escola servia de ambiente de ensaio para testar e aperfeiçoar as técnicas por parte dos estudantes. Posteriormente, nos encontros subsequentes, iniciou-se uma apresentação das categorias de análise da Geografia, acompanhada de discussões a respeito do uso dos registros na caracterização e compreensão da paisagem. Logo após essa fase, foi solicitado aos discentes que realizassem fotografias de situações e ambientes que eles compreendessem como sendo os trabalhados durante as discussões em sala.

Para pensar o conceito de paisagem ou uma ideia de paisagem estabelecida no conhecimento do mundo de cada estudante, foi selecionada uma fotografia elaborada e descrição do que estes viam em suas perspectivas. Em outras palavras, a fim de compreender o nível de percepção que estes teriam ao associar o conteúdo de paisagem trabalhado de forma teórica na aula, começou o diálogo sobre as fotos com a possibilidade de correlacionar tal aprendizagem com a realidade vivenciada por eles, dando-lhes a capacidade de atribuir novas perspectivas a ambientes por eles já percebidos.

Nesse ponto, alguns estudantes da EEEFM Tereza Alves de Moura tiveram a opção de querer registrar a paisagem do espaço urbano do município de Campina Grande (figura 1). O estudante foi capaz de captar os diferentes contrastes do acinzentado das construções ao colorido do ocaso. Cabe registrar, aqui, as relações entre o meio ambiente e o não humano com as construções humanas, sendo os prédios vistos por este estudante como locais que se aproximam desse céu acinzentado, ou a pista de skate, que é o espaço de lazer e encontro dos jovens. Ao se visualizar essas duas fotos, constatou-se que alguns estudantes estavam preocupados em encontrar a paisagem como a “mais bonita”, sendo o “cartão-postal da cidade”.

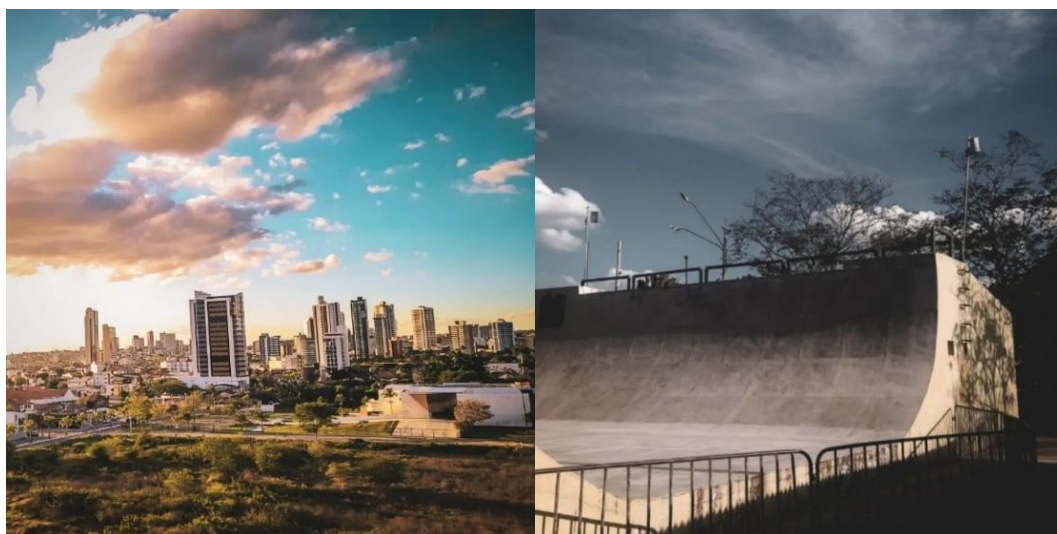


Figura 1 - O espaço urbano do município de Campina Grande – PB.
Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2026).

Porém, nos debates feitos durante o projeto, foi discutido que essa paisagem contém a experiência vivida, como aponta Besse (2014, p. 59), necessitando que os estudantes mostrassem “a partir das suas relações e na sua integração com o solo, o território, o meio vivo”. Neste sentido, a pista de *skate* foi registrada por alguns estudantes como representação da área da cidade enquanto local em que estes se integram com esse espaço humanizado. Essa paisagem anima os estudantes a evocarem suas memórias, expectativas, desejos e subjetividades. Garotos e garotas, mesmo que não saibam andar de skate, consideram que há momentos de interações e bons papos nesta localidade. Ou seja, a paisagem não é apenas o visível, mas envolve as relações sociais e culturais dos sujeitos, que constroem essa composição do que é registrado.

Os estudantes realizaram inúmeros registros e, de forma surpreendente, conseguiram, mesmo com alguns empecilhos, realizar o projeto com êxito. Os locais de escolha das fotos foram escolhidos pelos estudantes, no sentido de favorecer a importância de seus espaços de vivência, no sentido de correlacionar aspectos geográficos espelhados nas relações por eles observadas. As fotografias capturadas trouxeram registros de diferentes paisagens, destacando lugares comuns da cidade ou do campo, bem como paisagens do meio ambiente, presentes no cotidiano, a exemplo de imagens da entrada da casa, dos cômodos da casa, do jardim, escola, praça, rua etc.

Nesses momentos, os estudantes da EEMTI Governador Adauto Bezerra (figura 2) começaram a relatar a relação dessa paisagem com seu cotidiano, conectando sentimentos e significados que lhe causam. Conforme argumenta Besse (2014), a paisagem não se limita ao que se vê, possui uma interação com as provocações dadas pelas emoções. Alguns estudantes, ao visualizar as fotos, também tiveram essas provocações, fazendo leituras do que há na paisagem. Ou seja, a paisagem não é algo apenas externo ou interno, mas ela é feita na relação do sujeito com o mundo. A partir das

caminhadas realizadas no espaço, nosso corpo está tendo uma experiência corpórea, pois se sente a temperatura, as distâncias, os sons, os cheiros, as emoções e memórias. Por isso, a paisagem nos afeta, fazendo estranhamentos, mas também nos toca. Desse modo, os estudantes começaram a entender que os registros fotográficos das paisagens, contidas nos livros didáticos e cartões-postais, não conseguem dimensioná-las, intencionando não somente vê-las, mas essencialmente vivê-las.



Figura 2 – As experiências da paisagem.
Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2026).

As fotografias das paisagens desses estudantes mostram que há um contexto social afetivo, trazendo as casas do bairro com a conexão da natureza ou a zona rural com uma paisagem totalmente ligada ao meio ambiente. Nas palavras do estudante que registrou a foto da paisagem sobre as casas com o meio ambiente, este “lugar tem um significado muito grande para mim, onde nasci, me criei e tenho a minha família”. A paisagem é entrelaçada de vivência, com significância ao estudante, de modo que ele a associa a recordações e acontecimentos relacionados com seu crescimento. Porém, outros estudantes, ao ver essa imagem, lembram de outras vivências, como um local que lembra casas de parentes, brincadeiras feitas ou o entrar na floresta.

Já na foto do outro estudante, vivendo na zona rural, há uma paisagem do céu no momento de crepúsculo, colocando que há sentimento de paz e amor por não ter essa lógica de desenvolvimento urbano. A partir dessas fotografias, foi possível discutir que a paisagem não é apenas descrição de objetos ou fenômenos presentes, mas que interliga o pensar as relações entre sociedade e natureza em diferentes momentos, como propõe Baldin (2021). Logo, podemos entender como elas “se encontram

presentes, situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as” (Baldin, 2021, p. 7). É nesse momento que houve oportunidade para desconstruir a visão de haver paisagem natural, mas mostrar que toda paisagem tem ação humana.

A esse respeito, Besse (2014, p. 42, grifos do autor) argumenta que:

A tendência hoje é falar de uma superação do dualismo homem/natureza, típico do naturalismo do pensamento moderno. No sentido oposto desse dualismo, para pensar a paisagem, recorre-se hoje às noções de hibridação e de associação do humano e do não humano, associações que podem, é bem verdade, assumir aparências variáveis em função das culturas e das épocas. A paisagem aparece cada vez mais como uma entidade relacional, e o que devemos pensar é essa “relacionalidade”. Convém destacar, a esse respeito, a importância do conceito de meio ou, mais precisamente, de *mediança* proposto por Augustin Berque para dar conta da totalidade das relações constitutivas das realidades paisagísticas: a paisagem é uma entidade medial. A paisagem é, ao mesmo tempo, e essencialmente, totalmente natural e totalmente cultural. É o elemento onde a humanidade se naturaliza e onde a natureza se humaniza (e se simboliza). E é o que invalida, no fundo, por princípio, qualquer abordagem unilateral da paisagem, seja ela “antropocentrada” ou “naturalista”: a paisagem deve ser definida, mais rigorosamente, como meio.

E, como meio, devemos dialogar com essa paisagem com as várias culturas, postas ao longo do tempo. A esse respeito, outros estudantes retrataram as paisagens da Igreja da Sé e da Praça Siqueira Campos, ambas localizadas no Crato (figura 3). De maneira sucinta, o estudante que registrou a Praça da Sé descreve a fotografia realizada como “uma paisagem que há o lugar de fé e conforto, que me sinto bem”. Associando a paisagem com suas práticas sociais, como a religiosidade, estes começam a lembrar de outros templos religiosos católicos, mostrando que a paisagem também possui a prática de sociabilidade.



Figura 3 – A paisagem como prática de sociabilidade.
Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2026).

. Nesse ponto, o estudante que representa a praça Siqueira Campos coloca que essa paisagem retratada é o “lugar onde pode sentar-se e passar um tempo com os amigos ou, para passear com a família, é um ponto de encontro muito famoso dos cratenses, tem vários restaurantes na praça e vários

vendedores, é um local perfeito para ir”. Há aqui ligações entre percepção, simbolismo, imaginário e representação que constituem essa paisagem e nos permitem fazer estes compreenderem como um sistema que há possibilidade de se ter experiências e vivências (Baldin, 2021; Besse, 2014). Nesse sentido, muitos estudantes comentaram como fica essa paisagem na segunda-feira, que tem a feira do Crato, nos horários de movimentação dos estudantes que vão para esses locais ou nos fins de semana, seja para ir à igreja ou fazer alguma atividade de lazer. Desse modo, estes conseguiram entender que a paisagem não é apenas um cenário composto por objetos geográficos, pois possui marcas de distintas sociedades, mas que há um dinamismo graças aos elementos, estruturas e funcionamentos que têm relação com a morfologia existente (Baldin, 2021).

Por fim, para a culminância deste projeto nas duas escolas, foi pensado de modo a abarcar tanto a comunidade escolar quanto a sociedade em geral. Desta feita, os alunos decidiram então criar o perfil na rede social *Instagram*, como o *Click.Geo* (figura 4), com o intuito de apresentar os resultados obtidos e também de divulgar as produções fotográficas por eles realizadas. Durante essa fase, a critério de organização das postagens no perfil, a sala foi dividida em equipes e cada uma delas iria desempenhar funções das quais tivesse familiaridade. Desta forma, foram criados cargos para a administração do perfil, citando-os fotógrafos/editores, moderadores de conteúdo e redatores, respectivamente.

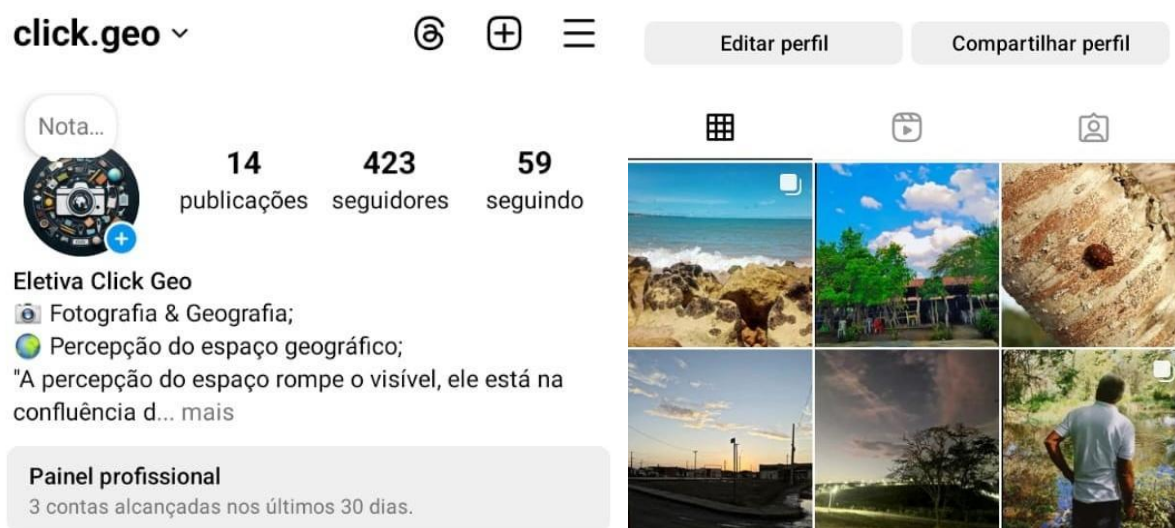


Figura 4 – Rede de *Instagram Click.Geo*.
Fonte: Arquivo pessoal do projeto (2026).

Cada postagem possui uma breve descrição, de modo a correlacionar os aspectos geográficos pertinentes com a imagem, seguida do recorte espacial e temporal e dos créditos ao fotógrafo responsável pelo registro. Além disso, como dito anteriormente, os moderadores de conteúdo foram responsáveis por analisar as fotos no aspecto de qualidade e direito de imagem, evitando,

posteriormente, qualquer problema com a rede social. Todas as atividades foram supervisionadas pelo professor titular da turma.

As postagens no *Instagram* ocorriam aos finais de cada aula e no decorrer do dia. Essa estratégia foi pensada de modo que pudesse haver uma supervisão das postagens e que ficasse mais fácil de gerenciar possíveis dificuldades que eles tivessem, haja vista que o professor estaria presente neste dia. Finalmente, para que todos da comunidade escolar pudessem ter acesso ao perfil, foi realizado um trabalho de divulgação sala por sala, em grupos do *WhatsApp* da escola e, posteriormente a isso, os próprios alunos divulgaram para seus pais e familiares.

4. CONCLUSÕES

A fotografia é um recurso didático que pode contribuir nas aulas de Geografia, pois, por intermédio dela, somos capazes de estudar vários conteúdos, como também dialogar sobre conceitos, como a paisagem. E, tendo um recorte sobre o enfoque da pesquisa, pensar sobre o conceito de paisagem abre margem para diversas discussões, debates, interpretações e entendimentos, além de vários significados, compreendendo essa como um meio, que possui experiências e vivências de seres humanos, meio ambiente e não humano.

O desenvolvimento deste projeto possibilitou perceber o uso alternativo de celulares em sala de aula, que é um tema complexo e que deve ser abordado de forma equilibrada, percebendo que tal uso tem seus benefícios e desafios no ambiente educacional. Foi inicialmente proposta a utilização do celular como um instrumento de análise do espaço, sobretudo da paisagem, fazendo com que os alunos pudessem compreender conceitos-chaves da Geografia, através de seus próprios registros fotográficos. Além disso, durante o desenvolvimento do projeto, foi possível perceber que eles estavam cada vez mais integrados em trazer novas fotografias para serem analisadas em sala de aula, e isso gerou grande empenho por parte da turma, corroborando para um maior protagonismo dos participantes.

Ademais, a experiência se mostrou promissora em contornos que não estavam dentro do próprio corpo do projeto e que foram desenvolvidos de forma autônoma pelos próprios estudantes, a fim de auxiliar na promoção e organização das atividades. Foi criada, com a ajuda do professor, toda uma estrutura organizacional onde cada aluno tinha uma função importante dentro da atividade eletiva, desenvolvendo assim o senso de responsabilidade.

Por fim, é possível observar que a geografia escolar tem diversas potencialidades em relação às questões didáticas, muitas são as oportunidades de trabalhos a serem desenvolvidos nos ambientes educacionais pelos educadores. Dentre tantas alternativas, o uso da fotografia, dentro da perspectiva geográfica, é um elemento muito válido e viável de ser abordado e trabalhado. Haja vista que nossos

alunos, durante seus deslocamentos diários, podem observar diversas paisagens e interações sociais diferentes. A fotografia é capaz, dentro deste contexto, de registrar paisagens, momentos, lugares para serem posteriormente analisados não apenas do aspecto visual, mas também, dando-lhe novos valores e visões e assim produzindo novos saberes.

AGRADECIMENTOS

Às comunidades escolares das duas referidas escolas por aceitarem e contribuírem para a realização desse estudo.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, R. Sobre o conceito de paisagem geográfica. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 32, n. 47, p. e180223, 2021.
- BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Veda o uso de telefones celulares em escolas de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 jan. 2025.
- BERGER, J. **Para Entender uma Fotografia**. Companhia das Letras. São Paulo, 2017. 264p.
- BEZERRA, J. **História da Fotografia**. Toda Matéria, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/dostoievski>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- BESSE, J. M. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: UERJ, 2014. 234p.
- BITTONI, D. H. S. Fotografia, arte, comunicação: Escritas indiciais. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 57-66, 2010.
- CAMPANHOLI, J. A. M. O uso da fotografia na prática docente. **Revista Pandora Brasil**, nº 49, 2012.
- CANABARRO, I. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero Americanos**, v. 31, n. 2, 2005.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003. 200p.
- FANTIN, E. M. T. Recursos/ Metodologias para o ensino de geografia. In: TAUSCHECK, N. M. **Geografia – Estudo e Ensino**. Curitiba: Ibepex, 2005. p. 99-111.
- FILIZOLA, R. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base editorial, 2009. 101p.
- FREISLEBEN, A. P.; KAERCHER, N. A. Por um ensino de Geografia questionador e reflexivo utilizando fotografias do livro didático. **Ciência Geográfica**, v. 24, p. 82-95, 2020.

- FURTADO, I. O. A análise da paisagem através de fotografias tiradas pelos próprios alunos: os possíveis usos para o celular nas aulas de Geografia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais...** Vitória: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014.
- GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. A produção de imagens para a pesquisa em Geografia. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 27–42, 2013.
- HARARI, Y. N. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018. 464p.
- LEITE, M. E. Retratos de corpo inteiro: representações no estúdio do fotógrafo. **Folha de Rosto**, v. 2, n. 1, p. 39-47, 2016.
- LEITE, M. E. **Retratistas e retratos no Brasil Imperial**: um estudo das fotografias carte de visite. 2007. 250 f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- MACHADO, A. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. 153p.
- MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico metodológicas sobre o campo de pesquisa. **Revista Métis: História & Cultura**. v. 5, n. 9. 2006.
- PIRES, M. M. Sobre imagens: (re)pensando o papel das fotografias no ensino de Geografia. **Signos Geográficos**, Goiânia, v. 2, p. 1–21, 2020.
- REIS JÚNIOR, D. F. C. Aspectos históricos da fotografia e realizações em Geografia. In: STEINKE, V. A.; REIS JÚNIOR, D. F. C.; COSTA, E. B. (Org.). **Geografia e fotografia**: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: LAGIM/UnB, 2014. p. 15-34.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 136p.
- SILVA, J. P. M. Os smartphones como ferramentas de prática criativa nas aulas de arte. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 10, e20029, p. 1-13, 2025.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. Editora Cortez. São Paulo, 2007. 274p.
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320p.
- ULIAN, F. A fotografia na Esfera Geográfica. **Fasci-Tech – Periódico Eletrônico da FATEC**, São Caetano do Sul, v. 1, n. esp., p. 20-35, 2015.